REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
v. 4, n. 2, jan-jul. 2018.
Missões

EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE RETERRITORIALIZAÇÃO E INTERSUBJETIVIDADES

EDUCOMMUNICATION AS A TOOL OF RETERRITORIALIZATION AND INTERSUBJECTIVITIES

Mirian Barreto Lellis[1]
Mariana Mouro[2]
Lohaine Lohmann[3]

Resumo: A Educomunicação é uma ferramenta que ganha cada vez mais destaque no sistema comunicacional e nos espaços educativos presenciais ou virtuais. Por meio de ações planejadas, são implementados e criados programas e produtos que fortalecem territórios formais e informais de ensino. Diante disso, o presente artigo analisa a linguagem audiovisual e a narrativa transmídia na prática de textos informativos por alunos de uma escola do município de Jangada, estado de Mato Grosso, sob a perspectiva das territorialidades como construção de subjetividades contemporâneas no "Eu-Tu". Trata-se, portanto, de um estudo que busca evidenciar características que o diálogo intersubjetivo propõe por meio das novas formas de interação. Este texto tem como objetivo discutir a importância da narrativa transmídia como instrumento de apoio à educomunicação. Transmídia, comunicação popular e jornalismo cidadão inauguram espaços de diálogos em uma prática inovadora de formas de comunicação, oportunizando o estreitamento de laços e intensificando a relação Eu-Tu.

Palavras-chave: Educomunicação; Transmídia; Territorialidades; Eu-Tu.

Abstract: Educommunication as a tool than is gathering further highlight in the communicational system and in the face-to-face or virtual educational spaces. Through planned actions programs and products are implemented and created that strengthen formal and informal educational territories. In view of that the present article analyzes the audiovisual language and the transmedia storytelling in the practice of informative texts by students of a school in the municipality of Jangada in the state of Mato Grosso from the point of view of territorialities as the construction of contemporary subjectivities in the "I and Thou". This is a study that search by illustrate characteristics that intersubjective dialogue proposes through new forms of interaction. This text is intended as an objective to discuss the importance of transmedia storytelling as an instrument of support for educomunication. Transmedia, popular communication and citizen journalism open dialogue spaces in an innovative practice of forms of communication facilitating closer ties and intensifying the I and Thou relationship.

Keywords: Educommunication; Transmedia; Territorialities; I and Thou.

INTRODUÇÃO

[1] Jornalista, Doutoranda no PPG em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Grupo de Pesquisa Multimundos Brasil. E-mail: mirian.lellis@gmail.com
[2] Mestranda no PPG em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Grupo de Pesquisa Multimundos Brasil. E-mail: mmouro23@gmail.com
[3] Mestranda no PPG em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Grupo de Pesquisa Multimundos Brasil. E-mail: lohh.lohmann@gmail.com

Em uma sociedade cada vez mais midiatizada e evoluída tecnologicamente, nos deparamos com diversas formas de construção do saber e diferentes tipos de mediação desses saberes. A linguagem audiovisual tem se mostrado uma ferramenta eficiente como espaço de pertencimento do indivíduo - principalmente o jovem - e de ocupação de território. A narrativa transmídia, um dos principais fenômenos do audiovisual, é um importante recurso nesse espaço de aproximação com o "Eu-Tu" na atmosfera da Educomunicação.

Wolton (2003), Müller (2003) e mais recentemente Acselrad (2008, 2013) nos estudos de Cartografia social, trazem a questão do território face às tecnologias digitais de comunicação, já que com a consolidação da Internet e suas tecnologias e linguagens, surgem também novas formas de experimentação de espaços e territórios. Esse é o entendimento também de Firmino e Duarte (2018): as tecnologias digitais são elementos transitantes, pois "[...]com seus dados, informações e todos os tipos de fluxos que, de maneira invisível, povoam lugares e espaços".

A proposta de Marques de Melo (1970) sublinha a ideia desses fluxos informacionais que (re)definem lugares, inferindo que na sociedade a comunicação é o axioma para a vivência em grupo. Haja vista que por meio dela se estabelece relações e troca de experiências entre os indivíduos, construindo espaços, delimitando territórios e fronteiras. A ideia de território presente nessa concepção não é o físico e, sim, como propõe Guattari e Rolnik (1996), algo ligado à subjetividade individual e coletiva, ou seja, a "subjetividade" que está relacionada ao particular do sujeito, ao seu modo de ser, aos seus desejos, e é construída por meio da relação social, do encontro do "eu" com o mundo.

A partir dessa concepção de território como lugar de relação e intersubjetividades, propomos pensar a linguagem audiovisual no contexto das novas formas de construção e difusão do saber como resultado das mudanças tecnológicas nas mídias. Não cabe neste artigo traçarmos uma linha histórica sobre a evolução dos processos comunicacionais e das tecnologias de informação. Com o advento das novas gerações e tecnologias, a linguagem audiovisual se faz presente com muito mais intensidade.

Para investigar estes temas, dividimos o presente artigo em três etapas. Na primeira delas, contextualizamos concepção de território e discorremos sobre as territorialidades como o espaço de intersubjetividades. Na segunda etapa, relacionamos a linguagem audiovisual e a narrativa transmídia e suas ferramentas. Na última etapa, discorremos sobre Educomunicação e os resultados obtidos pelo projeto "Educomunicação, Ciência e Outros Saberes: um estudo

do trabalho colaborativo em narrativas transmídias"[4] (MOREIRA, 2017), desenvolvido na Escola Benedita Augusta, Jangada-MT.

TERRITORIALIDADE: VÁRIOS CAMINHOS

Na sociedade contemporânea a temática do território ganha novas roupagens e usos. Não cabe mais atribuir o conceito de territorialidade somente na perspectiva cartográfica. Jean Gottmann (1975) explica que nos séculos XV a XVIII o significado de território apoderava-se da ideia de divisão do espaço sob a ótica da organização e diversificação, servindo para abrigo (segurança), passando pelas fundamentações de identidade, soberania, dominação e exploração. No século XX, essas funções ficam obsoletas, pois, no seu entendimento, com o progresso tecnológico, o boom das invenções e criação de armas bélicas e, especialmente, o desenvolvimento dos meios de comunicação contribuem para que os Estados se articulem, condicionando-os a uma nova ordem global. Os territórios compostos de novos significados (ocupação, apropriação, tributos, costumes, línguas etc.) se aproximam por meio das fronteiras, relacionando-se social, política e geograficamente entre si. Diante disso, o termo território ganha amplitude e complexidade e reduzi-lo a sinônimo de espaço geográfico é limitar o seu uso e compreensões.

Desse modo, Haesbaert (2006) propõe conexões para além da abordagem geográfica, passando a conceber o território como referência para o estudo do comportamento humano. Corroborando com essa ideia, Raffestin (1993) entende que o território é composto de várias territorialidades (espaço, tempo, comportamento, etc.) baseadas na inter-relação entre o mundo e os seres vivos, concebidos na coletividade. Assim, "[...] territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo" (RAFFESTIN, 1993, p. 160). Nesse sentido, Raffestin infere que território deve ser diferenciado de espaço, sendo, portanto um "produto" deste, um local em que as relações acontecem, promovendo, os processos de territorialização.

[4] O projeto de pesquisa participativa, coordenado pelo Professor Dr. Benedito Dielcio Moreira, da Universidade Federal de Mato Grosso, desenvolveu métodos interativos e colaborativos por meio de oficinas de educomunicação cujo propósito era gerar conteúdo para diferentes plataformas midiáticas e promover o trabalho colaborativo entre alunos, entre alunos e professores e entre alunos e comunidade. Para isso foram oferecidas oficinas de Audiovisual, Narrativas diversas, Texto Informativo, Trabalho Colaborativo e Fotografia a grupos de estudantes e professores do Ensino Básico da Rede Pública do Estado de Mato Grosso. O projeto preconizava compreender as habilidades dos jovens estudantes no uso das tecnologias de comunicação e desenvolver em conjunto com eles processos em que estas habilidades pudessem ser aprimoradas, contribuindo para a formação escolar individual e coletiva.

Milton Santos (1982, 1985, 2001, 2006) e Bruno Latour (1994) conferem ao território um caráter híbrido, já que ele é constituído pela correlação entre as coisas e as ações dos indivíduos em sociedade e essa relação, na visão dos autores, traz a transformação do território. Sob essa perspectiva temos ainda Massey (2008, p. 29), que propõe pensar território como "[...] produto das inter-relações, [...] da multiplicidade". Portanto, um lugar de (re)construção por meio das relações, posto que nos apropriamos dessa concepção para compreendermos a "territorialidade como espaço do Eu-Tu".

A partir do exposto, entendemos que a ideia de território como experiência e construção/integração de espaços admitida pelos autores supracitados pode ser melhor assimilada se nos apoderarmos dos conceitos de Deleuze sobre Agenciamento e Rizoma, conceitos-chave para entendermos os processos que envolvem as territorialidades (territorialização, desterritorialização e reterritorialização): "todo agenciamento é em primeiro lugar territorial" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 218). De acordo com Deleuze e Guattari (1992,1995) o agenciamento é formado por dois processos: territorialização e desterritorialização, dois movimentos sincrônicos que se completam, sendo que um não existe sem o outro.

O conceito de "desterritorialização" é há tempos debatido por pensadores como Deleuze e Guattari (1992). Para eles, o ato de desterritorializar não existe sem territorializar. Essa situação pode ser percebida, por exemplo, na atuação do Estado ao fixar e inscrever uma residência. Assim, há, ao mesmo tempo, a territorialidade através da inscrição de uma residência em determinado lugar no espaço e também configura a desterritorialidade quando da divisão de terras o que origina um novo lugar, o homem impõe sobre este novo locus elementos antigos que permanecem com os códigos e leis.

Há ainda que se falar da reterritorialização, em que Deleuze e Guattari (1992) compreendem que só existe quando há desterritorialização, sendo que uma ação não existe sem a outra, conforme apontam em sua obra "Mil Platôs Capitalismo e esquizofrenia", quando explicam que

> [...] o livro não é a imagem do mundo segundo uma crença enraizada. Ele faz rizoma com o mundo, há evolução a-paralela do livro e do mundo, o livro assegura a desterritorialização do mundo, mas o mundo opera uma reterritorialização do livro, que se desterritorializa por sua vez em si mesmo no mundo (se ele é disto capaz e se ele pode) (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 20).

Desse modo, compreendemos que o livro possui territorialidades que provocam movimentos em que o conhecimento, o saber e o discurso são apresentados em páginas ou

espaços delimitados, mas através deles podemos desterritorializar saberes, abrindo caminhos para novos conhecimentos que serão reterritorializados no mesmo espaço por meio de anotações ou em novos espaços, formando novas territorialidades, o território e seus movimentos de territorializações são comparados a um rizoma, nada é solto ou independente, tudo se conecta, são "múltiplos movimentos e encontros [...] mobilizados por linhas flexíveis e moleculares próprias do rizoma" (ZANETTI; REIS, 2017, p.16).

Com a desterritorialização e a reterritorialização "não se pode mesmo dizer o que é primeiro, e todo território supõe talvez uma desterritorialização prévia; ou, então, tudo ocorre ao mesmo tempo" (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 90-91). Com isso. os autores reafirmam a ideia de que uma ação não existe sem a outra e que ambas geram um resultado dotado de significados, pois os dois atos são processos simultâneos, podendo ocorrer ou não no mesmo lugar e tempo.

Na atual sociedade a mídia é a grande responsável pela disseminação de notícias, informações e conhecimento, a sociedade vive um antagonismo diásporo onde respira a concepção de compartilhamento de informações, encontrando-se cada dia mais territorialista, já que os meios de comunicação moldam percepções, delimitam os espaços que usamos e também criam novos espaços. Por conseguinte, a "[...] territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo" (RAFFESTIN, 1993, p. 160). Nesse sentido, a territorialidade do "eu" se faz representada nos espaços em que atuamos, sejam eles físicos ou virtuais. Percebemos que temos milhares de contatos e amigos virtuais em diferentes redes sociais e espaços factíveis, mas estamos progressivamente nos afastando do contato face a face.

Em conformidade com essa ideia, podemos conceber o território na perspectiva de Castilho e Chaparro (2009, p. 382), percebendo-o "[...] sob um prisma mais subjetivo, de um espaço no qual o ser humano estabelece um vínculo afetivo e simbólico, constrói sua história e concretiza suas relações e sua experiência no mundo".

TERRITORIALIDADES NO EU-TU

A partir das explanações sobre território, espaço e territorialidades, propomos articular esses conceitos à "filosofia do diálogo" explicitada na obra *Eu e Tu* (2001) de Martin Buber. Buber (2001) propõe refletir sobre algo de certa forma esquecido em nosso atual modelo de sociedade, "aquilo que é mais característico no homem: sua humanidade" (BUBER, 2001, p. 7). Sobre isso, Buber inova no modo como vê as relações humanas e a forma como os

indivíduos se relacionam entre si e com as coisas, e propõe dois dialogismos que ele chama de palavra-princípio Eu-Tu e palavra-princípio Eu-Isso:

> O mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude. A atitude do homem é dupla de acordo com a dualidade das palavras-princípio que ele pode proferir. [...] Uma palavra-princípio é o par Eu-Tu. A outra é o par Eu-Isso [...] este modo, o EU do homem é também duplo. Pois, o EU da palavra-princípio EU-TU é diferente daquele da palavra-princípio EU-ISSO. As palavras-princípio, uma vez proferidas, fundamentam uma existência (BUBER, 1982, p.09).

Esse pensamento resume a base da existência humana, tendo no Eu-Tu a relação sujeito-sujeito, sendo que o "Tu" representa o mundo de cada sujeito; e no Eu-Isso a relação sujeito-objeto, ou seja, o primeiro representa a completude, o relacionamento entre dois seres/indivíduos com o todo um do outro. Ocorrendo, assim, uma ação recíproca, uma relação intensa e plena de sentimentos, sensações, pensamentos e ações, um processo que transborda afeição.

Compreendemos que a territorialidade humana é construída por meio das relações sociais, culturais, econômicas, de troca de saberes e afeto, como propõe (RAFFESTIN,1996; HAESBAERT, 2006; DELEUZE; GUATTARI, 1992, 1995). Quando o homem se afasta do que o torna mais humano, do que lhe causa sensações, emoções e sentimentos, ele está territorializando seu lado "Eu-Isso" na relação. O Eu-Isso é a relação entre o ser e uma parte do mundo do outro, é uma dualidade constante entre a experiência e a utilização, a prática e o emprego. É uma atitude objetivante, um processo que configura distanciamento e impessoalidade.

A partir dessa premissa podemos compreender que na sociedade contemporânea o contato face-a-face tornou-se exíguo, as novas tecnologias possibilitam a interação virtual que pouco a pouco vem substituindo o contato físico. Para pesquisadores como Maffesoli (1998), Medina (2006), Sodré (2006), Künsch (2009, 2011), a falta desse contato impede ou dificulta o afeto, não nos importamos ou reagimos mais às coisas ou fatos empaticamente, nosso comportamento é maquínico, frio e indiferente. Na concepção de Buber (2001), tratamos o tudo como "Isso".

Quando falamos das territorialidades como espaço do Eu-Tu, consideramos a necessidade da relação sujeito-sujeito, de nos conectarmos ao outro, de criarmos vínculos afetivos. E é por meio do "Tu" do outro que o nosso "Eu" se reterritorializa, se encontra, se conecta e se constrói, afinal é do encontro do "Eu-Tu" e do "Tu-Eu" que compartilhamos nossas territorialidades, saberes, sentimentos, crenças. Portanto, por meio do tu (do outro) que o nosso "eu" se encontra e se descobre, afinal somos seres "incompletos" e em constante

construção. Desse modo nos deixamos ver, nos identificando sempre em busca do nosso lugar no mundo. Para tanto, compreender a filosofia do diálogo é essencial para compor as territorialidades do Eu-Tu e do Eu-Isso.

A essência da territorialidade do "Eu-Tu" pode ser percebida nas palavras de Buber quando o autor afirma que "[...] entre ele e ti existe a reciprocidade da doação; tu lhe dizes Tu, e te entregas a ele; ele te diz Tu e se entrega a ti" (BUBER, 2001, p.43). Nessa correlação podemos visualizar e compreender as territorialidades em cada indivíduo. Quando "tu lhe dizes Tu, e te entregas a ele" há a desterritorialização do mundo "tu" de um sujeito para se reterritorializar no "tu" do outro, e vice-versa. O comportamento de ambos sujeitos dá-se pela interdependência quando afirma que "entre ele e ti existe a reciprocidade da doação", é nessa relação que consiste o ponto alto da territorialização, é onde ocorre a desterritorialização e a reterritorialização. Há que se enfatizar que esses movimentos sincrônicos só existem porque há a correspondência mútua.

A relação Eu-Tu consiste, nas palavras de Buber (2001), em "voltar-se-para-o-outro", "sair-de-si-em-direção-ao-outro", "alcançar-o-outro", "permanecer-junto-ao-outro", enaltecendo que a territorialidade de um sujeito está vinculada à do outro sujeito. E essa relação dialógica permite a ocorrência de uma interação que se deleita na oportunidade de perceber e aceitar o outro, em sua totalidade, unidade e unicidade. Para o autor, o encontro entre as territorialidades de duas pessoas acontece quando, efetivamente, um volta-se para o outro, tornando esse "outro" presente.

A questão de pertencimento/não-pertencimento nas territorialidades se configura como uma importante relação em que o particular e o coletivo coexistem. Seguindo este pensamento, podemos verificar também que os sentidos dessas demarcações contribuíram e ainda contribuem para as construções identitárias dos sujeitos, como propõe Buber na sua teoria, em que o diálogo Eu-Tu se dá pelo desdobramento das territorialidades no universo do inter-humano. Uma relação apinhada de sentidos, emoções, sensações que, uma vez desterritorializada de um indivíduo, se reterritorializa no outro, permitindo, assim, a intersubjetividade entre os sujeitos, criando uma conexão, um vínculo.

Antes estávamos limitados às interações face a face onde os indivíduos são capazes de formas de intimidade que são essencialmente recíprocas, ou seja, são trocas e fluxos de ações e expressões, perdas e ganhos, deveres e direitos que valem nos dois sentidos, como explica Thompson (1998). O autor ainda afirma que com o surgimento de novas tecnologias e desenvolvimento das formas mediadas de comunicação, contamos com novas formas de

intimidade. A interação mediada nos permite uma nova forma de intimidade não necessariamente recíproca, ou se ainda o for, pode carecer de algumas características comuns àquelas partilhadas em um local comum ou interação face a face. Ainda que a mudança na reciprocidade seja diferente na relação humana e na relação com o mundo mediado é possível construir novas formas de se relacionar. O eu-tu deixa de ser exclusivamente presencial e passa a ser mediado pelas novas plataformas midiáticas.

Assim, estas territorialidades e seus movimentos (desterritorialização e reterritorialização) se manifestam continuamente no Eu-Tu, visto que esse espaço-territórios existem e coexistem, muitas vezes em um e em outro. E seus limites são renegociados o tempo todo, tornando essa relação intersubjetiva cada vez mais complexa. Por conseguinte, as territorializações (Eu-Tu e Tu-Eu) são representadas pela forma como olhamos o outro, como o outro nos vê e como nos reconhecemos mutuamente.

LINGUAGEM AUDIOVISUAL E NARRATIVA TRANSMÍDIA

Falar de audiovisual é ter em mente que essa linguagem consiste em uma série de elementos que se integram. Nas palavras de Babin e Kouloumdjian (1983, p.41), podemos definir a linguagem audiovisual como "[...] um modo particular de comunicação, regido por regras originais, resultando na utilização simultânea e combinada de variados documentos visuais e sonoros [...]". Por envolver som, palavra e imagem, o audiovisual se tornou uma linguagem popular, principalmente para os jovens.

O caráter híbrido do audiovisual permite a construção de fronteiras entre o produtor e o receptor, nesse sentido, Müeller (2003) afirma que "[...] o fenômeno fronteira influencia os afazeres e os dizeres do homem local, podendo ser verificado nas falas, nos textos, nas manifestações culturais, esportivas e políticas, entre outras". Por isso, compreende-se que a fronteira é algo em movimento, pois está em constante contato e sujeita a trocas de informações, relacionando socialmente os elementos que dela fazem parte. A partir disso, compreendemos que essa relação fronteiriça entre produtor e receptor, que antes eram bem delimitadas, ainda que bilaterais, mostram-se cada vez mais passiva de intervenção por meio do espectador.

A facilidade da linguagem audiovisual, acompanhada do crescente avanço tecnológico e das mídias, faz com que papéis de produtores e espectadores se confundam, permitindo um diálogo nunca antes visto. Com a transmídia, Jenkins (2009) afirma que receptores podem

tornar-se produtores, mudando o rumo das narrativas. Esse fenômeno comunicacional tracejado pela convergência midiática é a chamada transmídia.

Jenkins (2009, p. 29) refere-se ao termo convergência como sendo o "[...] fluxo de conteúdos através de suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação". Assim, a convergência não tem um objetivo final, um resultado específico, ela é um processo e depende do que ocorre nas relações entre as pessoas e do suporte midiático que são oferecidos, a fim de que o público tenha a liberdade de buscar experiências que não são possíveis em um único meio de comunicação. Para explicitar, Jenkins entende que

> [...] A convergência dos meios é um processo em andamento, ocorrendo em várias interseções de tecnologias de mídia, indústrias, conteúdo e audiências; não é um estado final. Nunca haverá uma caixa preta para controlar todos os meios. Ao invés disso, graças à proliferação dos canais e à natureza cada vez mais ubíqua da computação e das comunicações, nós estamos entrando numa era onde a mídia estará em toda parte, e nós usaremos todos os tipos dos meios de comunicação relacionando-os uns aos outros. (JENKINS, 2009, p. 93).

O poder das organizações midiáticas, o poder do usuário em atuar sobre os conteúdos e o desenvolvimento tecnológico resultam nessa convergência. Como uma das bases deste conceito é justamente a participação do consumidor - especialmente os jovens - os resultados são sempre imprevisíveis. Afinal, mesmo com todo o avanço e desenvolvimento, não somos capazes de prever como as pessoas irão receber as histórias que lhes são contadas.

Desde os primórdios da civilização estamos contando histórias, seja através de gestos, fala, escrita, desenhos – oficialmente, os primeiros registros de comunicação – ou outras formas de expressão. Graças a essa troca comunicacional a sociedade foi crescendo, se desenvolvendo e tendo seu conteúdo expandido de pessoa para pessoa e de geração para geração, estabelecendo, desse modo, as territorialidades do Eu-Tu na relação intersubjetiva que a comunicação proporciona.

Assim como adotar a linha de pensamento de que as tecnologias de informação e meios de comunicação estão em constante evolução, o ato de contar histórias também vem sendo modificado, a fim de se adaptar às crescentes evoluções que nos atingem. Essas mesmas tecnologias possibilitam o consumo de diferentes narrativas.

A transmídia é uma dessas ferramentas usadas para promover a interrelação dos sujeitos, rompendo com as barreiras geográficas, servindo como um facilitador de acesso e circulação de informações que são disponibilizadas em diferentes formatos como texto, áudio e vídeo. Nesse sentido, podemos compreender que na contemporaneidade a transmídia é o

instrumento que possibilita a territorialização do Eu-Tu e seus movimentos. Sam Ford (2006) afirma que a transmídia pode ser conceituada como o ato de contar histórias por meio de múltiplas plataformas. A narrativa transmídia integra algo muito maior que é a convergência das mídias. Ainda que o termo gere conflito de entendimento e semântica, uma coisa é certa: a convergência das mídias ocorre de acordo com o local e a cultura em que está inserida.

A narrativa transmídia, como afirma Jenkins (2009), pode ser definida como uma história que se desenrola através de múltiplas plataformas de mídia, onde cada uma dessas plataformas surge com um novo texto, o que contribui de maneira distinta na construção de um todo. Um bom exemplo de narrativa transmídia, em que conseguimos entender mais facilmente sua aplicação são os produtos de grandes estúdios cinematográficos, como *Harry Potter* e *Matrix.*

De outro lado, Jenkins (2009, p.235) afirma que os consumidores "estão utilizando novas tecnologias midiáticas para se envolverem com o conteúdo dos velhos meios de comunicação, encarando a internet como veículo para ações coletivas". Com *Harry Potter*, por exemplo, o universo se expandiu na internet e permitiu que crianças e jovens fãs se conectassem e trocassem informações e opiniões sobre a saga. Permitiu também a criação de mais de 30 mil histórias e capítulos de livros, incluindo centenas de romances, completos ou não, hospedados em um site específico para esse tipo de postagem. Essas histórias são chamadas de *fan fiction.* Pode-se dizer então que *fan fiction* é o ato de pegar uma história já publicada e criar novos caminhos e situações diferentes da história original.

Matrix (1999), das irmãs Wachowski, segundo Jenkins, (2009), talvez seja a principal franquia de narrativa transmidiática. Além de fazer com que os espectadores saíssem dos cinemas confusos e com milhares de teorias sobre o filme, os autores expandiram o universo em múltiplas plataformas. A franquia conta com três filmes, um programa de noventa minutos de curtas-metragens de animação ambientado no universo do filme, uma série em quadrinhos intitulada *Animatrix* e dois games. As autoras incluíram pistas no filme que só fariam sentido quando jogado o game, abordaram uma história paralela, que foi revelada por uma série de curtas de animação encontrado no DVD.

Jenkins (2009, p.106) afirma que "[...] nunca uma franquia exigiu tanto de seus consumidores". Ainda que tenha gerado muita insatisfação para alguns espectadores que não conseguiram entender completamente as histórias, o feito alcançado pelas irmãs é algo que muitos produtores sonham em alcançar. Para Jenkins (2009, p. 106) "*Matrix* é um entretenimento para a era da convergência, integrando múltiplos textos para criar uma

narrativa tão ampla que não pode ser constituída em uma única mídia". Espalhar a história em várias mídias, fazer com que os espectadores tenham diferentes níveis de experiência, isso é transmídia.

Esses são exemplos, na prática, de como funciona a narrativa transmídia e esse processo de convergência que estamos vivenciando atualmente. Segundo Massarolo e Mesquita (2013, p.36) o "[...] mundo de histórias da narrativa transmídia promove a imersão das audiências em novas formas de experiências". Isso permite com que a cada nova plataforma em que essa história é continuada há uma nova informação até então desconhecida. Além disso, permite que a cada desdobramento em uma nova mídia, uma nova audiência surja para ouvir essa história.

Podemos atrelar então a linguagem audiovisual e a transmídia como um tipo de texto cultural. Lotman (1979) afirma que o texto da cultura é tudo aquilo que cria um tecido cultural, ou seja, a capacidade da condição humana de comunicar uma mensagem. Comunicar uma mensagem por meio de novas codificações e linguagens, como é o caso do audiovisual, promove a manifestação de novos sentidos que vão se reconfigurando de acordo com os movimentos da cultura.

Considerando que as trocas informacionais e manifestações de novos sentidos ocorrem nas fronteiras e que a territorialidade é construída por meio das relações sociais e culturais é possível enxergar a linguagem audiovisual e a narrativa transmídia como ferramentas de pertencimento e aproximação para o jovem dialogar com o mundo, com os outros e com ele mesmo. Já o jornalismo transmídia, no entendimento de Alzamora e Tárcia (2012), deve ser pensado como algo que vai além de um conteúdo informativo produzido e distribuído em diferentes mídias. Para a autora, a narrativa transmídia em jornalismo deve ser inovadora, "a qual miscigena gêneros e formatos por meio da integração entre as lógicas de comunicação da transmissão e do compartilhamento" (ALZAMORA, TÁRCIA, 2012, P.30).

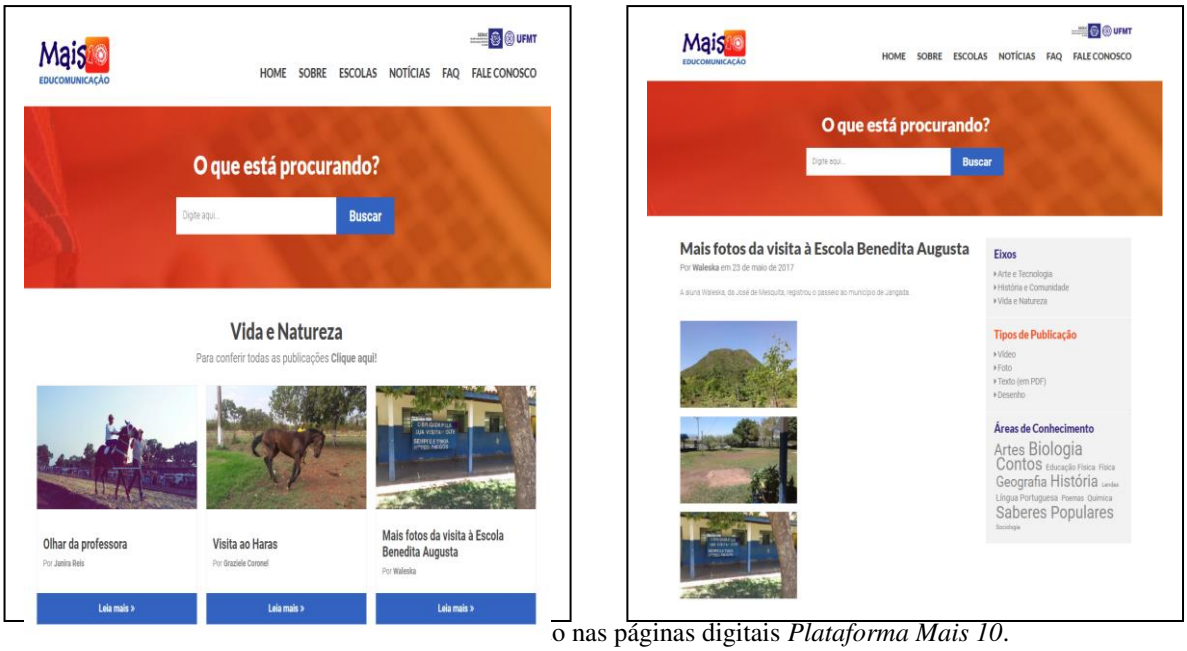
EDUCOMUNICAÇÃO E TRANSMÍDIA: FERRAMENTAS BÁSICAS PARA O JORNALISMO CIDADÃO

Para se falar em jornalismo cidadão, é preciso ter e mente que essa prática consiste em formas laborais que possuem a capacidade de alterar a produção de conteúdos jornalísticos e sua emissão é executada em maneiras diferenciadas (TEIXEIRA, 2012). O jornalismo cidadão está presente em diversos projetos sociais. Como projetos que envolvem a educomunicação. Pois, essa linha de trabalho, integra texto, áudio, imagem, audiovisual, com custo zero e

engendrados por qualquer indivíduo. Características presentes na confecção do jornalismo cidadão.

O projeto "Educomunicação, ciência e outros saberes: um estudo do trabalho colaborativo e compartilhável em narrativas transmídia" é um exemplo de projeto educomunicador que integra o jornalismo cidadão. Foi desenvolvido nos anos de 2015 e 2017, em uma parceria entre a Universidade Federal do Mato Grosso e a Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. Nele, estudantes participavam de oficinas de produção de vídeos, fotos, textos jornalísticos, trabalho colaborativo e diferentes narrativas que integram o processo de aplicação do projeto. Posteriormente, o material produzido nessas oficinas foi compartilhado com toda a comunidade local e postado em uma plataforma, chamada de "Plataforma Mais 10".[5]

Quadro 1 - Prints das páginas digitais *Plataforma Mais 10*



o nas páginas digitais *Plataforma Mais 10*.

[5] A Plataforma mais 10 está disponível em: < http://www.ufmt.br/mais10educomunicacao/ >

Quadro 2 - Prints da página digital *Plataforma Mais 10*



http://www.ufmt.br/mais10educomunicacao/

Fonte: Arquivo do autor baseado nas páginas digitais *Plataforma Mais 10*.

O objetivo do projeto consistia no estudo e desenvolvimento de atos e processos comunicacionais, com capacidade de envolvimento de jovens estudantes do ensino básico na confecção de material para compartilhamento em diferentes plataformas. Desta forma, trabalhando a educomunicação e transmídia simultaneamente. Em específico, o projeto buscou trabalhar o aparelho celular como uma ferramenta aliada ao professor em sala de aula. Assim, os alunos produziam conteúdos relacionados ao que estudavam em sala de aula, utilizando do celular para realizar pesquisas e confeccionar o conteúdo necessário.

Para que tal ação acontecesse, num primeiro momento, alunos e professores da UFMT realizavam visitas às escolas que faziam parte do projeto. Nesse contato inicial, os estudantes graduandos se reuniam aos estudantes das escolas, afim de promover um quebra gelo, com brincadeiras e conversas informais, objetivando a aproximação entre eles. Nessa primeira parte, os alunos das escolas tonavam-se um pouco mais desinibidos, e assim, o relacionamento ente os integrantes do projeto e os professores e alunos da UFMT, se tornava uma relação descontraída que viria a resultar em um bom relacionamento.

Após esse primeiro conato, os professores expunham a proposta das oficinas, explicando sempre que nada poderia ser feito sem a ajuda dos estudantes e professores da escola em que se trabalhava. Os alunos eram convidados a produzir material referente ao que aprenderam e assim surgiam os conteúdos para o site e também para o jornal impresso. Esse

jornal fazia parte da proposta do projeto, que cada escola produzisse um jornal impresso com conteúdos relacionados à comunidade onde moravam, seus costumes e sua cultura.

O ponto maior do projeto era no dia da entrega dos jornais. Neste dia, os alunos, pais, professores e toda a comunidade presente, recebiam o jornal. Ao segurarem o material, ver as fotografias e textos que eles mesmos haviam produzidos, o local era tomado por uma satisfação. Pois eles enxergavam sua comunidade naquele trabalho. Seus costumes, seus colegas, sua cultura, tudo isso estava naquele papel, o que fazia com que se aproximassem uns dos outros para comentar a respeito, dar risadas e mostrar para aqueles que ainda não estavam com o jornal em mãos, que sua comunidade fazia parte daquela obra.

É possível identificar traços do jornalismo cidadão concebido por meio do projeto em textos, fotografias e vídeos, pois toda a comunidade local se integrava e se ajudava na busca pelas informações, definições de pauta e confecção da informação. Um desses exemplos é a matéria produzida pela escola Benedita Augusta, integrante do projeto educomunicação, em Jangada, a aproximadamente 70 km da Capital do Mato Grosso. Nesse trabalho eles usaram de textos, fotos e vídeos para mostrar os pontos turísticos da cidade, como a "Lagoa encantada". Por meio do trabalho colaborativo dos estudantes e professores a temática foi por eles escolhida para retratar o interesse da comunidade em desenvolver o lado turístico, ainda timidamente desenvolvido na localidade.

Desta forma, é possível perceber que as pessoas daquela região, daquele contexto, puderam escolher o que divulgar, o que seria escrito, para que outras pessoas pudessem conhecer sua comunidade. Isso mostra a aproximação dos integrantes da comunidade, característica primordial da comunicação popular, alternativa e comunitária. Sobre isso, Coutinho (2008) entende que o jornalismo local é um elo social, uma ligação entre a ideologia da mídia e a comunidade onde se inserem. Sendo assim, a "Plataforma Mais 10", espaço virtual onde estão publicadas as produções dos alunos, mostra o território de pertencimento, onde os valores simbólicos, registrados nesse espaço, produzem relações pautadas no Eu-Tu, que tem como característica predominante o sentimento de pertencimento, o afeto pelo que é local. Reforçando essa ideia de território de pertencimento, os teóricos Bonnemaison e Cambrèzy (1996) compreendem que "[...] o poder do laço territorial revela que o espaço está investido de valores não apenas materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e afetivos" (BONNEMAISON; CAMBRÈZY, 1996, p. 10).

Isto posto, na Educomunicação o público e o lugar onde são estabelecidas as relações comunicacionais são fatores preponderante e necessários à mídia independente, a fim

de que venham reproduzir elementos culturais para que as pessoas se identifiquem e se vejam representadas nessas mídias, surgindo assim os vínculos afetivos, sentimentos e emoções entre os indivíduos e também desses com os conteúdos produzidos. Nesse sentido, enfatizamos aqui que esses conteúdos da comunicação popular, alternativa e comunitária são tratados sob a perspectiva do "Eu-Tu", pautadas essencialmente pela presença da reciprocidade, do diálogo, do encontro e da responsabilidade social. Sendo, portanto, essa intersubjetividade é que torna a vida mais intrigante, trazendo sempre algo inovador, a ser descoberto tanto sobre o outro, como sobre nós mesmos.

"O que destaca essa produção de notícias é que o indivíduo, aqui cidadão, pode livremente colocar em voga sua voz, e propor uma forma diferente de compreender as informações, tornando-se uma alternativa [...]" (TEIXEIRA, 2012, p, 81). O ato de propagar a voz, remete-nos ao espírito de pertencimento que esses cidadãos adquirem ao participar de ações de caráter mobilizador e coletivo. O que antes era distante, após a prática da comunicação popular torna-se próximo, palpável, gerando nos sujeitos envolvidos nos processos comunicacionais sentimentos de reciprocidade, surgindo assim as territorialidades do "Eu-Tu".

Desta forma, compreende-se que a narrativa transmídia serve como uma ferramenta de reterritorialização nas escolas. Estudantes que utilizavam celular para uma conexão eu-isso, passam agora a utilizá-lo como eu-tu, pois, com a proposta da construção de trabalhos a partir da narrativa transmídia pelo celular, o que resultará de tal atividade, não ficará somente no celular. O aluno sentirá o desejo de mostrar à comunidade, aos pais e ao mundo todo seu produto, uma vez que o que ele produziu está para além dele mesmo. Ele agora apresenta a comunidade que habita, o local onde cresceu, seu território. E como explica Raffestin (1993), território não é somente a localidade, mas um composto de espaço, tempo, comportamento, que se baseiam na inter-relação entre o mundo e os seres vivos. E apresentando seu território para o mundo, o mundo também passará a ser seu território, consumindo de sua cultura e costumes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto permitiu refletir sobre a forma como se estabelece as territorialidades do "Eu-Tu" na comunicação contemporânea. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação nos leva a pensar e a vivenciar novas formas de obter informações, de receber, criar e disseminar conteúdo próprio. Os usos da tecnologia audiovisual e das ferramentas de

transmídia nos espaços informais de ensino contribuem com o processo de ensino-aprendizagem dos jovens, proporcionando novos conhecimentos. Assim, a aproximação da comunicação com a educação se validam como espaços interdisciplinares que permitem reflexões acerca das movimentações territoriais no espaço do "Eu-Tu" de cada indivíduo, alocando as novas tecnologias da comunicação e informação como fontes privilegiadas do conhecimento e da construção do saber

O estudo acerca dos conceitos de território e da relação "Eu-Tu" juntamente com a narrativa transmídia e o exemplo de jornalismo cidadão nos levam a considerar que o desenvolvimento tecnológico e as mudanças na linguagem audiovisual se tornam aliadas na construção do saber e no processo de ensino aprendizagem.

Entendemos, portanto que essa interface transmidia na comunicação popular constitui-se como uma nova prática que inova as formas de comunicação. São novas formas de interações pautadas no "Eu-Tu" e facilitadas pelas tecnologias. Essas tecnologias mostram como instrumentos de pertencimento, desenvolvendo espaços de diálogos que possibilitam a reterritorialização do indivíduo, bem como, estreitam laços e intensificam a relação Eu-Tu. Em se tratando da transmídia, podemos considerá-la como a liga necessária para estabelecer tais relações. Essa ferramenta pode proporcionar diálogos intensos, produção de material que apresenta a cultura de um povo, bem como auxilia no ensino-aprendizagem em sala de aula, possibilitando uma forma diferenciada de educação. Aliada aos conhecimentos dos professores, resulta em criação de espaços interativos que podem ser compartilhados.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (org.) **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 2013.

_____ (org.) **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro IPPUR/UFRJ, 2008. Disponível em: <http://www.ettern.ippur.ufrj.br/central_download.php?hash=467ab838abf48499b7dbb9f41fa3268c&id=8> Acessado em: 09 ago. 2018.

ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. **Convergência e Transmídia:** galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. In: Brazilian Journalism Research. V.8, número 1, 2012. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401

BABIN, Pierre. KOULOUMDJIAN, Marie-france. **Os Novos Modos De Compreender:** A geração do Audiovisual e do Computador. Editora: Paulinas, 1983.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução e introdução de Newton Aquiles von Zuben. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CASTILHO, Maria Augusta de; CHAPARRO, Yan Leite. A re-territorialização do sagrado no contexto urbanístico de Campo Grande-MS. **Revista Brasileira de História das Religiões** – Ano I, n. 3, Jan. 2009.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de

pertencimento. VIZEU, Alfredo. (Org.) In: **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, (2008).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de janeiro : Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992.

FIRMINO, Rodrigo; DUARTE, Fábio. Cidade infiltrada, espaço ampliado:. As tecnologias de informação e comunicação e as representações das espacialidades contemporâneas. **Arquitextos,** São Paulo, ano 08, n. 096.01, Vitruvius, maio 2008 <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.096/3408>. Disponível em: Acessado em: 22 jun. 2018.

FORD, Sam. Futures of Entertainment: Transmedia Properties. **Convergence Culture Consortium Weblog**. 2006. Disponível em: <http://www.convergenceculture.org/weblog/2006/11/foe_transmedia_properties.php>. Acessado em 20 mai. 2018.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: **cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes. 1996.

GOTTMAN, Jean. The evolution of the concept of territory, Tradução: Isabela Fajardo e Luciano Duarte. Revisão: Fabricio Gallo. Versão publicada no periódico **Social Science Information**, v. 14, n. 3 ago. 1975, p. 29–47.

HAESBAERT, Rogerio. **O mito da desterritorialização, do "fim dos territórios" à multiterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KÜNSCH, Dimas A. "Aquém, em e além do conceito: comunicação, epistemologia e compreensão". Trabalho apresentado ao GT "Epistemologia da Comunicação" do XVIII Encontro da Compós, em Belo Horizonte, MG, em junho de 2009. **Revista Famecos**, n. 39, agosto de 2009, p. 63-69.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaios sobre antropologia simétrica; tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LOTMAN, Iuri. Sobre o problema da tipologia da cultura. SCHAIDERMAN, B. (Org.). In: **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. Cotia: Ateliê Editorial; São Paulo; Fapesp, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação social: teoria e pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dario. **Narrativa transmídia e a Educação***:* panorama e perspectivas. Revista Ensino Superior UNICAMP, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço, uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MOREIRA, Benedito Dielcio. **Educomunicação, Ciência e Outros Saberes:** um estudo do trabalho colaborativo em narrativas transmídias. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural. ABEducom, 2017. P.600-613. Texto Disponível em http://www.abpeducom.org.br/o-que-fazemos/publicacoes

MÜLLER, Karla Maria. **Mídia e fronteira**: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, M. Laura. **O Brasil: território e sociedade do século XXI**. 9ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2006 [2001].

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TARGINO, Maria das Graças; CARVALHO, Cristiane Portela de; GOMES, Alisson Dias. Centro de mídia independente Brasil: jornalismo cidadão e democracia representativa. **Revista Comunicação e Inovação**, v. 9, n. 16, 2008. Disponível em:<http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/vie/70>. Acesso em: 24 jun. 2018.

TEIXEIRA, Thays Helena Silva. Comunicação comunitária e jornalismo cidadão: diferenças teóricas e a apropriação mercadológica. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 13, n. 30, 2012.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade:** Uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth. **Comunicação e Territorialidades: poder e cultura, redes e mídias.** Daniela Zanetti e Ruth Reis (Orgs.). 1ª ed. – Vitória: EDUFES, 2017, 233 p. :il.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.